

Resumo dos trabalhos de Sábado

Os trabalhos começaram com uma oração em que S. Paulo nos convida a oferecermo-nos a nós mesmos para a construção do reino de Deus, continuando com um cântico em que somos recordados que nenhuma obra de Deus é demasiada para nós, porque o Senhor é nosso pastor e nos guia.

O Pe Vitor Manuel Rocha começou por nos recordar que no antigo testamento a família não é o tópico de reflexão, mas é utilizada para nos revelar como o plano de Deus implica uma humanidade livre, mas completa apenas na relação e em relação: ele com ela, eles com Deus e todos com a criação inteira. Isto mesmo é visível nos dois relatos da criação, na explícita partilha da função criadora de Deus patente no mandamento “Crescei e multiplicai-vos” e realizada plenamente na família; na emancipação do Homem “Deixará Pai e Mãe” para assumir a plenitude de ser Homem e Mulher em relação entre si, com Deus e no exercício da sua fidelidade ao plano criador de Deus, mas também no livro de Tobit em que o casal confiando-se a Deus demonstra que a família, apesar de exposta à adversidade do mundo, pode perseverar na fidelidade à sua missão, contando com a plena colaboração de Deus.

Já no Novo testamento foi realçado como a família é a vivência plena da nova e eterna aliança de Deus. Uma aliança de Amor doação. Um amor divino que se faz exemplo para o amor em família, e que nesse amor concreto da vida das famílias se faz sinal para os homens e por isso sacramento da ação e da presença de Deus.

Também nos documentos do magistério da Igreja podemos encontrar inúmeras reflexões sobre os perigos vividos pelas famílias e os caminhos para perseverar, em particular foi referida a reflexão da *Amoris Laetitia* sobre a cultura do provisório, a obsessão pelo tempo livre, a permanente avaliação de tudo como um jogo custo/benefício, a solidão e suas causas, a afetividade narcisista que leva as pessoas a tudo querer sem nada dar, a permanência em estados imaturos de afetividade e de sexualidade, o enfraquecimento da fé e das suas manifestações, as migrações, mobilidade, pobreza, exigências laborais e a violência doméstica.

Face a tudo isto foi referido que as famílias hoje são confrontadas com alguns desafios: uma função educativa que não pode ser substituída por quaisquer instituições de ensino; a educação para hábitos de convívio; o permitir experiências de fé vivida, mais do que verbalizada porque engloba toda a vida em verdade; apresentar o matrimónio como um caminho dinâmico de crescimento e realização, que por isso resulta de uma exigência interior de viver a plena fidelidade ao plano de Deus; favorecer a vivência do presente sem sobrevalorizar o futuro ou o passado.

Concluiu referindo que o novo livro editado pelo CPM é um contributo importante para o crescimento contínuo e permanente das famílias e por isso um contributo para que a família corresponda no tempo presente ao plano eterno de Deus para a sua criação.

O casal Marta e Miguel Panão falou-nos sobre a arte de comunicar em família citando a *Amoris Laetitia* que nos diz que para viver, exprimir e maturar o amor é preciso diálogo e que este requer longa e diligente aprendizagem. Por isso sistematizaram a comunicação em casal em 3 momentos: Partilha, Escuta (vividos em simultâneo mas por “atores” diferentes) e Retorno. Cada um destes momentos foi então sistematizado em 4 características. A partilha (que deve ser comunicação como dom ao outro, e por isso ato de amor) começa por depender da escolha

do momento (1). Esta escolha do quando deve permitir domesticar a impulsividade, mas sem adiar o diálogo indefinidamente: persistir sem desistir. Em segundo lugar a partilha depende da escolha da essência (2). Trata-se de escolher o conteúdo, selecionar o essencial a dizer. Partilhar a essência da nossa história, com tudo o que a compõe que tem sentido e significado, o que exige preparação e reflexão. Em terceiro lugar a artilha deve ser breve mas sem pressa (3). Trata-se de escolher a forma, evitar devaneios que distraem e desviam do essencial. Procurar a objetividade e as palavras certas. Finalmente, a partilha depende de se procurar Dar e não descarregar (4). Comunicar é doar-se ao outro, tudo, incluindo os problemas, mas isso implica libertar-se deles, não os deixar tomar-nos como reféns. Depois da partilha os problemas passam a ser dos dois e por isso não podem ser vividos isoladamente.

Quanto à escuta (Ato de amor doação) começa por exigir o esvaziar-se de si próprio para se focar no outro (5). Implica “fazer silêncio interior, escutar sem ruído no coração e na mente: despojar-se de pressas, pôr de lado as próprias necessidades e urgências, dar espaço ao outro”(AL,137). Trata-se pois de se envolver no que ele/ela diz, colocar-se na sua pele, com quem lê um livro, naturalmente, por empatia, por necessidade. Escutar também implica acolher sem filtros (6), isto é sem exercer juízos críticos que nos colocam no primeiro plano. Deixar-se ficar no segundo plano porque naquele momento ele/ela é que são o que importa. Também não poderá haver boa escuta sem Sensibilidade e não desligar (7). Trata-se de procurar sentir o mesmo que o outro. Desligar trava definitiva e irreparavelmente a escuta. Finalmente (e talvez o mais difícil): é preciso não interromper (8), o que exige a “ascese de não começa a falar antes do momento apropriado” (AL...).

Finalmente o Retorno implica em primeiro lugar ter a capacidade de agradecer a partilha(9), seja por palavras ou por gestos, dar valor à partilha (10), dar uma resposta (11) quando ela é solicitada e colocar questões (12) que podem servir para dar continuidade à partilha, com novo ciclo Partilha/Escuta/Retorno.

A Prof. Teresa Tomé Ribeiro começou por nos dizer que só comunicamos o que vivemos, tudo o resto é mera troca de informação. E isto é sobretudo verdade na família, em que o conhecimento mútuo é profundo e íntimo. Referiu ainda que mesmo se o casal no princípio tem uma comunicação franca e profunda, com o tempo surge o risco de desenvolver “vergonhas”. E que estas vergonhas ou bloqueios na comunicação impedem/dificultam a partilha das mágoas, dos momentos em que nos sentimos magoados, o que perturba a comunicação posterior. Mas é preciso quebrar este ciclo porque “o tempo para amar é muito curto”. Referiu ainda que numa relação a dois, há uma intimidade que é só dos dois e que esse espaço tem que ser respeitado: se há abertura dessa intimidade podem surgir dificuldades na relação. Referiu ainda que a comunicação aos filhos da alegria da vida em Matrimónio pode facilmente falhar, isto porque os momentos partilhados com os filhos podem ser precisamente os momentos de desamor: o corre-corre da manhã, e o stress e cansaço do final de dia. Os momentos de reencontro do casal, esses têm tendência a ocorrer fora dos olhares dos filhos, o que lhes pode dar uma imagem enviesada da felicidade do amor conjugar. E esse seria um mau serviço que prestamos aos filhos e por seu intermédio aos outros, no fundo um desvio à função do matrimónio: sinal visível do amor de Deus. Com efeito, é preciso que o amor conjugar seja fermento na família, para que a família possa ser ela própria fermento do amor na sociedade. De facto a família não se esgota em si, mas vive para servir os outros, alimenta-se de se doar, e que bom que é vivermos num tempo em que somos tão necessários, em que fazemos tanta diferença. Terminou dizendo-nos que a vida tem muitos problemas mas é simples, e nós podemos simplifica-la ainda mais.

Importa ler os sinais dos tempos com fé e esperança e ver neles oportunidades de crescimento e renovação.